

Luís Miguel Maldonado Vasconcelos Correia

Il faut se battre contre les moulins.

Il faut renverser Troie.

Il faut être cheval de fiacre, tous les jours.

Le Corbusier

Departamento de Arquitectura
Faculdade de Ciências e Tecnologia
Universidade de Coimbra
Novembro de 1994

I ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Entrei! Entrei!

Eram a capa, a batina, as guitarradas, os fados, a boémia! Enfim, o descanso de quem esperava uma vida santa e descontraída.

Um feito quase *heróico* concretizava-se por fim. Era o realizar de tantos sonhos e esperanças, desenvolvidos ao longo dos anos de estudos liceais.

Mas, passado algum tempo, escassos meses após o almejado ingresso, aquilo que parecia uma grande aventura transformou-se, subitamente, num avolumar de sebentas, textos e aulas. Estas eram ministradas em turbilhão e em grande confusão - os professores pouco ou nada se importavam com o barulho que se fazia, ou com o número de alunos, cem, duzentos, até trezentos, que frequentavam as aulas, sem nada perceber.

E Architectura?

Nada!

No meio de tanta ansiedade que tinha rodeado a minha *nova vida*, o curso de Architectura fora sempre a minha paixão. A Architectura, para mim, representava mais do que a mera possibilidade de fazer, construir edifícios.

Porém, foi estupefacto que constatei, no fim do primeiro semestre do Curso, que de Architectura nada existia. Fórmulas e mais fórmulas, tudo invadiu o meu cérebro, só

descongestionado por algumas aulas de Desenho (na rua) que muita admiração e curiosidade suscitavam no transeunte coimbrão.

Hoje, e como consequência da experiência acumulada, conscientemente penso que o Desenho na altura não foi dirigido, porventura devido à própria característica do pioneirismo do Curso, no sentido que todos reconhecemos ele deverá ser: auxiliar e instrumento no método de projectação.

Como os factos por vezes fazem as circunstâncias, surgiu, naturalmente, uma união entre todos os alunos e os poucos (!) Arquitectos docentes no Curso que, pouco satisfeitos com o avolumar de fórmulas e *rituais* matemáticos e físicos, se reuniram para reivindicar que fosse acrescentada alguma coisa ao *curriculum*. Esse *alguma coisa* não era mais do que aquilo que nós simples e humildemente pretendíamos: Arquitectura.

A unidade...

Como fruto da nossa persistência, a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra decidiu solicitar um incremento da colaboração de docentes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, com o objectivo de reformular e dinamizar o Curso, embora mantendo sempre a vertente *tecnológica* da Licenciatura em Arquitectura de Coimbra.

Esta diferenciação em relação aos restantes cursos de Arquitectura em Portugal era importante, não só pelo simples facto de se apresentar como uma alternativa mas,

sobretudo, pelo positivismo e ecletismo que da cooperação interdisciplinar entre várias faculdades e departamentos poderia resultar.

Contudo, dessa visão globalizante pouco mais resultou do que uma atomização disciplinar que, no final, praticamente redundou num mero somatório de disciplinas.

A partir do segundo ano, com a chegada de novos docentes (Arquitectos), tudo se acalmou e todas as nossas preocupações passavam a estar direccionadas para os "*fenómenos da Architectura (...), para a instrumentalização, para o domínio instrumental, para o Método, ...*" [13].

Todavia, se os problemas curriculares, à medida que o tempo corria, se iam resolvendo, e automaticamente o Curso ganhava uma nova dinâmica e estabilização, novas questões surgiam no início de cada ano lectivo.

Os sucessivos atrasos, provocados por carência de instalações, pela falta de docentes e até pela falta de pagamentos, para já não falar das deficiências vividas no primeiro ano, criaram um clima de algum descrédito e de apreensão à nossa volta.

Naturalmente, todos éramos obrigados a um esforço suplementar, por forma a contornar e a suplantar os atrasos de um processo muito baseado no nosso autodidactismo.

Finalmente, chegou a hora da verdade: o quinto ano, o ano da despedida, naturalmente propenso a uma reflexão final sobre o tempo *perdido* ao longo de cinco anos de luta diária para a concretização dos nossos objectivos.

"A expressão «organizar o espaço» à escala do homem, tem para nós um sentido diferente daquele que poderia ter, como por exemplo, a expressão «ocupar o espaço». Vemos na palavra «organizar» um desejo, uma manifestação de vontade, um sentido que a palavra «ocupar» não possui e daí que usemos a expressão «organização do espaço» pressupondo sempre que por detrás dela está o homem, ser inteligente e artista por natureza, donde resultará que o espaço ocupado pelo homem tende sempre para, caminha sempre no sentido de, tem como fim, a criação de harmonia do espaço, considerando que a harmonia é a palavra que traduz exactamente equilíbrio, jogo exacto de consciência e de sensibilidade, integração hierarquizada e correcta de factores.

Nem sempre o homem tende para a harmonia, pode dizer-se apontando número infinito de exemplos, nem para o desenvolvimento da inteligência ou culto da sensibilidade; referem-se actos de estupidez e de fealdade ao longo da história do homem como espécie e da sua vida como indivíduo, mas não pode negar-se, que uma luz, uma esperança, um desejo, uma intenção, anima permanentemente o homem no sentido geral da sua luta."

[31]

A *ocupação* da Prova Final no Curso de Arquitectura em Coimbra, tardiamente introduzida, mais não foi do que uma tentativa de resolução de um problema curricular completamente alheio aos alunos, se bem que estes fossem os principais interessados e sujeitos às vicissitudes das circunstâncias em que o processo se desenvolveu, sem quaisquer objectivos e conteúdo programático bem definidos. A Prova Final surge, no nosso percurso, como mais um problema a ser resolvido individualmente, apelando ao nosso autodidactismo, pese o apoio dado pelos vários coordenadores.

Face a estas "*circunstâncias fatalmente determinadas*" [31], a Prova Final determinou que a consciência e responsabilidade individuais fossem os principais interlocutores no estabelecimento de parâmetros a utilizar e dos objectivos a concretizar.

Perante tal panorama, e já com uma actividade profissional estabelecida, com as inerentes responsabilidades e os compromissos assumidos, a minha Prova Final teria que revelar, naturalmente, algumas facetas relacionadas com essa actividade. Mas, mais do que o mero relato dos trabalhos desenvolvidos, achei necessária uma reflexão sobre essa experiência, que considerei muito importante e abrangente. Outro dos motivos dessa reflexão reside no facto de considerar que a Prova, para ser conseguida, deveria ser diariamente concretizada ou, melhor, deveria ser parte integrante de um quotidiano realmente vivido.

Contudo, algum tempo volvido, e depois de algumas ideias debatidas com o meu orientador, surgiu a possibilidade de realizar um estágio em França, no âmbito de um intercâmbio universitário, o que foi considerado oportuno e apropriado.

O despertar e concretizar de alguns problemas que o estágio me poderia oferecer constituíram, logicamente, estímulo para uma nova etapa na minha formação. Após conselho do meu orientador e também do próprio coordenador geral de todas as Provas, tomei a decisão de realizar esse estágio, integrando-o no contexto e conteúdo da minha Prova Final.

Deste modo, esta é o resultado, a consequência natural, destas duas experiências (actividade profissional e estágio em França) que, implícita ou explicitamente, surgirão inter-relacionadas ao longo deste trabalho.

II IDEOLOGIAS DO PATRIMÓNIO E INTERVENÇÃO ARQUITECTÓNICA

Sob a orientação do Professor Doutor Hervé Fillipetti, o programa comunitário *Programme Interuniversitaire de Coopération* (P.I.C.), envolveu três instituições: A Universidade de Coimbra, representada pela F.C.T.U.C. e pelo Departamento de Arquitectura, que tinha como coordenadores a Professora Doutora Margarida Ramalho e o Professor Arquitecto Domingos Tavares e também como colaborador o Arquitecto José Fernando Gonçalves, a *École d'Architecture de Paris - La Villette*, anfitriã do programa, representada pelo orientador do P.I.C., já acima mencionado, e a Universidade Técnica Nacional de Atenas, representada pela sua Faculdade de Arquitectura e pelo seu Departamento de *Composition Architectural*, sob a orientação da Arquitecta Doutora Cathérine Kremesi.

Um dos objectivos do programa foi confrontar estudantes inseridos em quadros universitários diferentes (franceses, portugueses e gregos), e implicá-los no estudo da arquitectura vernacular e nas técnicas de restauração, com realidades tipológicas, teorias e práticas que lhes eram desconhecidas. O programa devia encerrar, no decorrer da sua execução, uma prática de obra, a fim de avaliar a evolução das técnicas de construção, e debates assegurados pelos professores das universidades parceiras, de molde a alargar o campo de reflexão e a procurar um horizonte de nível europeu, o

mais adequado para compreender os fundamentos de tal arquitectura e a evolução das técnicas de construção.

Os estudantes que participaram neste P.I.C. beneficiaram na universidade de acolhimento de um ensino e de um acompanhamento pedagógico específicos. A organização do P.I.C., em dois tempos e em dois locais, inseriu-se na lógica de um ensino baseado na aquisição de um saber teórico prolongado na aprendizagem de uma prática. A primeira parte realizada no âmbito da *École d'Architecture de Paris - La Villette*, em Paris, esteve a cargo do conjunto dos professores participantes no programa. A segunda fase foi conduzida pelos mesmos professores no quadro do *Ecomusée d'Alsace à Ungersheim (Haut-Rhin)*, sob a orientação técnica dos responsáveis do *Ecomusée*. O carácter especificamente rural da arquitectura vernacular exige na realidade um contacto directo com um "*terrain vrai*".

O tema e o programa de estágio, por desconhecidos no contexto académico usual, revelavam-se, logo à partida, aliciantes e polémicos.

"*Ensinaram-nos o culto dos heróis construtores da utopia*" [2], mas face às exigências éticas e profissionais do quotidiano é imperativo conhecer e reflectir sobre a antiga cultura e suas tradições construtivas para que, quando confrontados com a realidade, não caiamos no "*autismo proveniente da mútua incompreensão e incompatibilidade entre o novo e o velho.*" [2]

Neste contexto, considere que o estágio, para além de contribuir para a resolução de um problema de natureza curricular, serviria principalmente para alargar os horizontes que a formação académica propriamente dita me havia propiciado.

Por outro lado, esta experiência dava-me a oportunidade de travar conhecimento directo com novas e diferentes culturas, o que poderia enriquecer a minha formação humana.

Após a análise dos factores que me levaram a participar no estágio e da descrição da sua identificação, tentarei, de forma sistematizada, reflectir sobre o tema abordado no estágio e, de um modo geral, meditar sobre ideologias do património e intervenção arquitectónica.

Em consequência de uma célere resolução, foi com natural apreensão que no dia 2 de Março de 1994 parti, rumo a Paris. Um misto de ansiedade e de esperança me invadia, pelo facto de nunca ter participado numa experiência deste género e, ao mesmo tempo, ter havido alguma confusão, fruto da rapidez com que todo o processo se desenvolveu.

No fundo, esse estado de espírito talvez fosse algo que me cativasse e incitasse à aventura...

De acordo com o programa estabelecido, o primeiro mês, de aulas em Paris, foi marcado pela teorização, discussão, identificação e apresentação das diferentes manifestações rurais (Arquitectura Popular) dos diferentes países participantes.

Obviamente, no conjunto das *diversas arquitecturas* ou manifestações rurais apresentadas, observa-se uma diferenciação e especificação das concepções formais e do correspondente resultado final, que não são, ou não resultam necessariamente da existência de barreiras artificiais que delimitam povos e nações. Contudo, as condições que as criaram e desenvolveram, ou seja, o fundamento de tais construções, são semelhantes, por vezes idênticas, permitindo, por isso, generalizar e uniformizar as considerações e a análise do fenómeno da Arquitectura Popular.

Por definição,

"circunstância (...) será aquele conjunto de factores que envolvem o homem, que estão à sua volta e, porque ele é o criador de muitos deles, a esses haverá que juntar os que resultam da sua própria existência, do seu próprio ser.

Constituem assim circunstância de organização do espaço, circunstância das formas que o organizam, para além das formas pré-existentes - naturais ou humanas. (...) A importância de uns sobre os outros (...) estão na base de qualquer forma e estão de tal modo que a compreensão total de uma forma será tanto mais perfeita quanto mais se transforma em vivência, na medida em que se identifiquem forma e observador (...)." [31]

Assim, a Arquitectura Popular surge como uma resposta imediata e pragmática às necessidades do momento, em perfeita harmonia entre o homem e a natureza, entre as

construções e o meio físico. "A forma mais compreensível para o observador será assim aquela que melhor o retrate, aquela que com ele mais se identifique, aquela que ele conheça por conaturalidade, isto é por existência de uma natureza comum." [31]

O claro funcionamento dos edifícios rurais resulta de uma estreita relação entre circunstâncias criadas e desenvolvidas pelo homem e pela natureza, ou seja, entre factores geográficos, orográficos e climáticos e condições económicas e sociais que, obviamente inter-relacionadas, encontram soluções específicas e diversificadas, sem interpelações de ordem estilística que perturbem a consciência dessa relação.

Por isso, o fenómeno que representa a Arquitectura Popular e as manifestações populares ou rurais é o mais simples e puro reflexo da compreensão da relação entre a forma e as circunstâncias geradas entre (e pelo) homem e a natureza (Terra).

Com o desenrolar do tempo, a Arquitectura Popular sofreu, naturalmente, alterações, por via da emergência de novas circunstâncias, não só porque o espaço está sempre em permanente mutação, como também pela própria evolução humana.

Porém, e apesar de tais mudanças ou alterações, o *homem rural* nunca deixou de estabelecer o equilíbrio e a harmonia entre as novas circunstâncias e a forma (construção), entre as construções e as condições de vida. Se por norma o *homem rural*, modesto e humilde, era adverso a modificações nos seus hábitos e costumes, vários acontecimentos precipitaram e perturbaram a pacatez tradicional da sua vida estreita e pacífica.

A Revolução Industrial, e conseqüente introdução da máquina, não só veio facilitar as comunicações, encurtar as distâncias, como, e principalmente, divulgou novas e tentadoras possibilidades e perspectivas.

A máquina, pela sua objectividade, colocou-se lado a lado com o produto das culturas locais, estabeleceu entre um e outro relações inéditas, resvalando estes confrontos em terríveis conseqüências, transformações e desequilíbrios imediatos.

Isto, porque se no mundo do objectivo, do material, da técnica, a evolução se pode fazer com relativa velocidade, já no campo do espírito, a marcha é necessariamente lenta, revestindo por vezes não uma profunda integração de ideias, como seria de desejar, mas antes uma mera apreensão de modas efémeras.

Como é natural, todas estas considerações se reflectiram ou tiveram como espelho a Arquitectura Popular que, perante novas circunstâncias, nem sempre conseguiu adaptar-se e responder coerente e correctamente à perfeita harmonia e equilíbrio antes verificados, não encontrando as formas que, fruto da nova vida dos homens, melhor contribuissem para a alicerçar ou para a modificar, evidenciando, em contrapartida, não raras vezes, uma "*feição progressiva*" [3] alimentada por "*vaidades pacóvias*" [3].

Em Portugal, o resultado dessas modificações estruturais na ideologia tradicional produziu alterações revolucionárias e catastróficas, desvirtuando e descaracterizando a arquitectura de uma forma generalizada. Assim é que,

fundamentalmente, com base no desejo e na perspectiva de melhorias económico-sociais, se assistiu à emigração em massa da população de aldeias e vilas para cidades litorais e para o estrangeiro, criando desarmonia e desequilíbrio geral no território, hipercongestionando e atrofiando cidades e transformando aldeias e vilas tradicionais (os modelos ditos *emigrantes*)

Face a este panorama, torna-se imperativo reflectir e tomar consciência da necessidade de defesa do património, como também ter a noção dos problemas levantados por uma eventual intervenção em importantes valores do passado.

Se entre os participantes do estágio a análise e a constatação de factos e acontecimentos que caracterizaram e desvirtuaram a Arquitectura Popular conduziu a conclusões semelhantes, já na perspectiva de uma intervenção em defesa e reabilitação do património, o discurso e a atitude foram completamente diversos.

Em boa verdade, embora haja que preservar pertinazmente valores do passado, penso ser necessário que a noção de património histórico (e não antigo, porque nem tudo o que é antigo é necessariamente valor ou referência) seja alargada não só a grandes criações, mas também a obras mais modestas e humildes. Quer isto significar que os conceitos de conservação e de reconhecimento se devem alargar à consideração global dos conjuntos e dos sítios, e não só exclusivamente a exemplos isolados - os chamados monumentos.

A propósito, será interessante referir algumas tentativas já evidenciadas na Europa sobre a conservação e a protecção do património histórico. Assim, a Carta Europeia do Património Arquitectónico, aprovada pelo Conselho da Europa em 1975, em Amsterdão, básica e resumidamente introduz o conceito de "Conservação Integrada" e de "Salvaguarda Activa", reforçando a noção de conjunto e de sítio, e recorre às entidades nacionais para que elaborem programas e regulamentos visando a criação de uma política de conservação do património arquitectónico.

"O património arquitectónico europeu (...) constituído pelas nossas cidades antigas, pelas vilas e aldeias tradicionais, no seu enquadramento natural e construído (...) testemunha a presença da história e a sua importância na nossa vida. Cada geração faz uma interpretação diferente do passado e dele tira ideias novas. Qualquer diminuição deste capital é tanto mais empobrecedora quanto mais certa é a perda dos valores acumulados não poder ser compensada mesmo por criações de alta qualidade."

"Este património corre perigo (...) ameaçado pela ignorância (...) por um certo urbanismo (...) sensível às pressões económicas e às exigências de circulação viária (...).

"A Conservação Integrada afasta as ameaças (...), é o resultado da acção conjugada das técnicas de restauro e da procura de funções apropriadas (...), deve ser orientada num espírito de justiça social e não deve fazer-se

acompanhar do êxodo dos habitantes de condições modestas." A Conservação Integrada deve ser um dos pressupostos das planificações urbanas e regionais (...), não pretende excluir (...) a arquitectura contemporânea dos conjuntos antigos (...), mas deve ter em conta o enquadramento existente (...), as proporções (...), os materiais tradicionais. A informação ao público deve ser tanto mais desenvolvida quanto os cidadãos têm o direito de participar nas decisões que dizem respeito ao seu quadro de vida." [30]

Esta carta, e regulamento, mais do que qualquer imposição ou restrição, pretende ser um alerta para a sensibilização e importância da defesa do património, não só por parte dos agentes e técnicos ligados directamente aos fenómenos arquitectónicos, mas também por todos os que nela interferem indirectamente - a sociedade, os cidadãos, enfim, o homem.

Alguns países mais industrializados e culturalmente *evoluídos* conseguiram compreender e responder correcta e coerentemente a este manifesto, ao contrário de países culturalmente *deficientes*, como Portugal, onde, pesem embora os anos volvidos sobre este e outros documentos elaborados e dirigidos para a protecção do património e seus valores, se continua, diariamente, a encontrar e a deparar com intervenções e políticas urbanísticas completamente desajustadas e insensíveis à preservação desses valores, independentemente de um ou outro bom exemplo isolado.

O uso abusivo do "*martelo pneumático*" [2], as teorias de colagem (*pastiche*) ou da "*autonomia sintáctica de hipotéticas separações entre a lógica compositiva das fachadas e espaços interiores*" [2] são, entre outras, receitas que encontramos no nosso panorama arquitectónico, resultando das "*barreiras e condicionalismos, que se colocam constantemente ao exercício da profissão, em grande parte reais, mas também com grande frequência transformados em alibis a caucionar fracassos de práticas pouco exigentes.*" [7]

Contudo, esse "*discorrer vazio*" [11] de ideias, essa "*transferência de medos*" [11], essa "*submissão respeitosa a pardos padrões de imagens do passado*" [11], essa recíproca incompreensão entre o *novo* e o *velho*, não só resultam da incapacidade (!) e da intransponibilidade (!) dessas barreiras e condicionalismos, como também, por vezes, de uma certa ignorância ou desconhecimento da antiga cultura e suas tradições construtivas e da nova cultura, industrial, moderna.

Assim, para garantir uma continuidade coerente com o passado e com os seus valores, é necessária toda uma gama de métodos que vai desde a conservação à modificação e à substituição. Métodos que são igualmente baseados no profundo conhecimento dos valores e tradições construtivas do passado, bem como contextualizados e apoiados nas novas necessidades e circunstâncias do homem, ser contemporâneo, ético e profissional.

"O passado (...) vale muito mas é necessário olhá-lo não em si próprio mas em função de nós próprios." [10]

Perante este cenário amazónico, selvagem, de liberdade incomensurável, urge reflectir e promover iniciativas, sem deixar de realçar a existência de alguns exemplos bastante interessantes e positivos, que permitem a discussão e o debate de ideias e de filosofias de intervenção sobre o património arquitectónico.

Neste contexto, creio que a experiência realizada em França, subordinada ao tema "*Architecture vernaculaire et techniques de restauration*", foi bastante positiva, não só porque permitiu o diálogo e debate sobre estas questões de preservação e de intervenção no património, de forma generalizada entre todos os participantes e coordenadores, mas porque me foi dada a oportunidade e a possibilidade de manter um contacto directo com o "*terrain vrai*", com a obra, com os materiais, com as técnicas de (re)construção, e ser um verdadeiro "*charpentier*"(!)

No entanto, a existência de alguns problemas, principalmente na segunda fase do estágio, realizada no *Écomusée d'Alsace*, poderia de algum modo ter comprometido o programa, não só em virtude de este ser pioneiro e em consequência da inexistência de diálogo pré-estágio entre os vários coordenadores e participantes, mas principalmente devido a algum chauvinismo e desinteresse sobre os problemas abordados no estágio, manifestados pelos responsáveis do *Écomusée*, mais preocupados e interessados em mão de obra barata (!) para a execução e cumprimento dos prazos dos seus trabalhos.

Para salvaguarda destes e de outros problemas futuros, penso que em edições vindouras se devem estabelecer previamente parâmetros, através de debates, por forma a desenharem-se objectivos concretos, para que o procedimento e desenvolvimento do estágio estejam ao abrigo de eventuais percalços.

O grande cartaz de entrada proclama:

" Le plus grand musée animé de plein air "

" Le visiteur c'est l'émotion (...) y participer c'est unique ! "

" L'Écomusée est authentique: sur ce terrain n'existait rien en 1980. Tout ce que vous y verrez a été démonté en d'autres lieux, minutieusement étudié, transporté et reconstruit poutre à poutre, et pierre à pierre, pour constituer en cohérent et évolutif (...)."

O *Écomusée d'Alsace* é um organismo privado, com apoios públicos nacionais e regionais, que tenta recriar, reconstruir e restituir toda uma vivência e valores tradicionais perdidos da região, através da arquitectura e de "efeitos rurais".

O *Écomusée d'Alsace* vive ou alimenta-se da nostalgia, da saudade, *"funcionando como um reservatório de memória feliz, elabora um imaginário onde são bem recebidos todos os exemplos do passado (...), o mesmo obscuro desejo da poeira pretensamente antiga e pretensamente manual(...)"* [11], tudo em perfeita harmonia!

Tal como o nome indica, trata-se de um museu, um conjunto organizado (!) de formas arquitectónicas "mortas", para turista passear e fotografar que, no entanto, à

parte a política económica fundamental ao *Écomusée*, tenta ser ou manifesta a necessidade de identificação, de autenticidade do enraizamento de uma cultura, de um passado. Trata-se de recuperar o que é irrecuperável: o passado.

A distância temporal agora assumida, a noção do passado ao qual não se pode regressar e principalmente a velocidade impressionante das mudanças históricas associadas à modernidade criaram a nostalgia e a necessidade da autenticidade, do enraizamento, de uma paragem para identificação das culturas, dos povos, dos indivíduos.

Contudo, se este carácter didáctico e de sensibilização pode ser importante e interessante, o reverso da medalha não o é! Porque toda a concepção e fundamento do *Écomusée* é uma caricatura ou anulação desse mesmo carácter.

O desmontar e montar é reconstruir e, como dizia Eça de Queirós, é sempre inventar. Logo à partida, está-se a separar aquilo que de mais importante e fundamental existe na arquitectura: a relação *ingénua* e *inconsciente* que caracteriza todos os actos verdadeiramente sentidos entre o Povo e a Terra, entre circunstâncias criadas e desenvolvidas pelo Homem e pela Natureza, entre o meio físico e as formas.

O *Écomusée* descreve e apresenta formas sem as enquadrar nas circunstâncias, dá-nos ou transmite-nos um conhecimento superficial delas e não nos aproxima da sua verdadeira realidade. A impossibilidade de manter o contexto, o espaço, o tempo e também as suas funções, transforma estas (re)construções em objectos decorativos e

imaginários, em formas *mortas*, desprovidas de significado, de qualquer vivência, convertendo o seu conjunto numa *biblioteca de livros* abandonados ou *mascarados*, que nada tem a ver com aquilo, nem com as pessoas que os consultam.

De forma natural, cai-se, frequentemente, na tentação de restituir o passado nas formas! Porque não no homem, ser humano? Por vezes bem se tenta...

Facilmente se cai na utopia, no imaginário de pensar na possibilidade de restituir, de supor que o que já foi pode vir a ser de novo.

Não pode!

"(...) Porque o espaço é contínuo e porque o tempo é uma das suas dimensões, o espaço é, igualmente, irreversível, isto é, dada a marcha constante do tempo e de tudo o que tal marcha acarreta e significa, um espaço organizado nunca pode vir a ser o que já foi, donde a afirmação de que o espaço está em permanente devir." [31]

Mas, apesar de corroborar este discurso crítico, frio e eloquente não serei também um dos responsáveis pela *mesmíssima saudade*, pelo mesmo discurso saudosista, um agente nostálgico do passado e seus valores?

Sou!

"O grave parece ser encontrarmos, por vezes, em grau perturbadoramente superior, a "mesmíssima saudade" (...) nos arquitectos (...)." [11]

Porém, e não me considero menos culpado do que os outros, penso que estas lembranças e recordações resultam fundamentalmente do culto desmedido pelos *construtores da utopia*, pelos valores da modernidade, ou seja, pelos valores ensinados e mitificados na escola como correctos, que se devem preservar.

Esta estada proporcionou-me a oportunidade de adquirir conhecimentos e contactar directamente com obras e constantes exposições de arquitectura. Entre elas umas houve, mais do que outras, que cativaram e despertaram mais a minha atenção e reflexão.

O dia 20 de Março era um especial! Íamos ao encontro de uma preciosa e mitificada obra de arquitectura, uma obra considerada um tratado e um exemplo didáctico aplicado, de um dos principais construtores da utopia e dos seus princípios - *Le Corbusier e Villa Savoy* em Poissy. Pura desilusão! Quando chegámos, já estavam a fechar aquela esplendorosa, apesar de simples, porta de ferro. Contudo, ainda pudemos fugazmente aperceber e admirar o seu esplendor, naquela tarde chuvosa.

No dia 23 de Março partimos novamente *armados* das nossas máquinas fotográficas, rolos, cadernos e canetas (q.b.), rumo a Poissy.

"Afirma-se no exterior uma vontade arquitectural, satisfaz-se no interior a todas as necessidades funcionais (insolação, contiguidades, circulação)."[4]

Se nos primeiros minutos (horas?) me delicieei com toda a grandeza, com a funcionalidade, o dinamismo, a síntese... desenhava, fotografava (rolo após rolo) na tentativa de compreender e de não deixar escapar qualquer pormenor, eis que subitamente tudo se baralhou e complicou naquela tarde de sol. Num ápice, tudo o que parecia o *paraíso arquitectónico* havia dado lugar a uma dúvida constante. Hoje o que é a *Villa Savoy*? Um museu dela mesma? Um mito? Aquilo que proclamava vida, movimento, tinha-se transformado num objecto amorfo, numa forma *morta* embora em permanente reconstrução, num contra-senso relativamente a tudo contra o que Le Corbusier lutou.

No seu livro "Urbanismo", Le Corbusier estabelece *advertências*.

"Um dia a leitura de Camillo Sitte, o Vienense, atraiu-me insidiosamente ao pitoresco urbano. As demonstrações de Sitte eram hábeis, suas teorias pareciam exactas; eram fundamentadas no passado. Para dizer a verdade, eram o passado - e o passado em ponto pequeno, o passado sentimental, o galanteio, um tanto insignificante à beira da estrada. Esse passado não era o dos apogeus; era o das acomodações." [22]

E mais à frente podemos ler:

"O homem caminha em linha recta porque tem um objectivo: sabe aonde vai, decidiu ir a algum lado e caminha em linha recta." [22]

Será que não compreendemos? Não estamos nós a recuperar, a restaurar aquilo que precisamente criticamos, a irreversibilidade do passado? Não estamos nós a incentivar e a cultivar a nossa própria incoerência e ignorância?

Pelo contrário, tanto a *Villa La Roche*, em Paris, como a *Villa Stein*, em Garches, componentes das *Quatro Composições Corbusianas*, ao usufruir da dinâmica e liberdade espacial e formal características na obra de Le Corbusier, adaptaram-se a novas exigências funcionais e circunstanciais, fazendo parte do nosso quotidiano e vivência.

A ideia de transformação em continuidade tem de caracterizar a cidade moderna. Porém, no caso de ser necessário introduzir novas funções nas construções históricas, elas devem estar o mais próximo possível das suas funções iniciais para que o confronto entre o *novo* e o *velho* não se traduza numa incompatibilidade entre as formas, os espaços, e as próprias funções.

Creio, por isso, que quando se intervém de uma forma generalizada no património histórico, quer a nível pontual, quer a nível de conjunto, terá que se adoptar uma atitude construtiva, no sentido de reconhecer a necessidade da sua actualização perante as nossas, presentes, circunstâncias. "*Reabilitar um edifício antigo é adoptá-lo a novos usos*" [11], fazendo dele parte do nosso quotidiano, da nossa própria vivência, mas tendo consciência de que esta prática de projecto exige grande humildade, disciplina e rigor, necessita de cuidada negociação e deve exhibir sensível conciliação

entre as linguagens formais da arquitectura, que representam valores culturais de diferentes tempos, pois a nossa tradição histórica é de continuidade e não de ruptura. Em jeito de conclusão, diria que a noção de património está obrigatoriamente ligada à irreversibilidade da perda.

"Para mim não existe passado nem futuro na arte, se uma obra de arte não vive sempre no presente, está fora de questão. A arte dos gregos, dos egípcios e dos grandes pintores que viveram noutras épocas, não é uma arte do passado; talvez esteja hoje mais viva do que nunca. A arte não se desenvolveu a partir de si própria, mas as ideias dos homens mudam e com elas suas formas de expressão." [36]

"Em verdade há que defender, teimosamente, a todo o custo, os valores do passado mas há que defendê-los com uma atitude construtiva, quer reconhecendo a necessidade que deles temos e aceitando a sua actualização, quer fazendo-os acompanhar de obras contemporâneas." [31]

III UMA IDEIA DE CONTINUIDADE

Neste sentido, é meu entendimento que o trabalho exercido no Gabinete de Arquitectura Vasco da Cunha (vide Anexo) se poderá incluir nesta abordagem, não só como mais uma positiva e significativa experiência, mas principalmente por transmitir e assegurar continuidade ao trabalho desenvolvido ao longo da Prova Final.

Em resumo, poderei relatar não só uma experiência e reflexão sobre o antigo, o histórico, como também descrever um trabalho sobre o presente, o contemporâneo.

Foi ainda embrenhado no espírito académico, de irreverência e de ingenuidade, que entrei no Gabinete de Arquitectura em 2 de Novembro de 1993, na tentativa de *salvar e honrar* a integridade da arquitectura.

Contudo, não foi preciso decorrer muito tempo para me aperceber que aquele mundo imaginário, criado e elaborado na minha mente, nada tinha a ver com a funcionalidade e o pragmatismo necessários para intervir, construir, *fazer* arquitectura.

Naturalmente, teria dois caminhos a seguir: viver trancado no meu mundo e no meu debate cultural ou então seguir em *linha recta* e estabelecer "*um equilíbrio sábio entre a sua [minha] visão pessoal e a circunstância que o [me] envolve e para tanto deverá ele [eu] conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem. (...) A sua [minha] posição será, portanto, de permanente aluno e*

permanente educador; como tal saberá [saberei] ouvir, considerar escolher - e também castigar: [não esquecendo] que é [sou] homem antes de arquitecto." [31]

Nesta perspectiva, e perante a existência de múltiplas e variadas exigências de qualidade, tentei caracterizar e situar as minhas intervenções, como também a minha postura, no *anonimato*, ao contrário de um excessivo individualismo apreendido e resultante das adversidades de um curso de Arquitectura.

Mas, se por um lado se impõe uma permanente exigência de qualidade, por outro deparamo-nos com constantes pressões, interpelações e sobreposições no processo projectual, barreiras e condicionalismos que, por vezes, precipitam e levam a comportamentos e soluções pouco exigentes e éticos. Ao invés de apreender *modas*, de *fazer à maneira de* ou de *agradar a*, tentei, sempre que possível, de acordo com os parâmetros e regulamentos estipulados (R.G.E.U., etc.), por vezes dúbios, conseguir consenso e estabelecer soluções de compromisso entre os intervenientes e agentes do processo, corresponsabilizando todos numa acção comum.

Nestas condições, a forma surge de uma relação intrínseca entre uma metodologia empírica e abrangente, que tenta integrar-se no ambiente e entender cada situação concreta, e um método de projectação racionalista, resultando numa arquitectura contínua no espaço, em função das circunstâncias, conciliando o artifício com a natureza, de acordo com os cânones de cada situação e da cultura de cada lugar e,

acima de tudo, realista quanto aos meios e processos de execução disponíveis, obedecendo, dentro dos limites possíveis, a exigentes critérios de qualidade.

A consciência da realidade é bastante importante para a resolução e pragmatismo imediato de cada situação. Não se pense que elaborando belos projectos e executando lindíssimos pormenores, no papel, sempre os conseguiremos pôr em prática com a devida qualidade e coerência.

É necessário construir rapidamente e o problema da solução técnica adequada, em cada caso, deve corresponder, necessariamente, às muitas e diferentes realidades do nosso País.

"Em Portugal, a boa construção artesanal começa a ser coisa rara e cara, não há construtores qualificados e ainda não se dispõem de sistemas industrializados que existem noutros países. Vivemos num período de transição que nos força a adoptar estratégias intermédias para as quais a experiência de outros sistemas é muito valiosa como meio de flexibilizar a nossa forma de operar." [39]

A forma, a arquitectura, é, ou tenta ser, a síntese entre o necessário e o possível, retratando-se com o observador (enraizante e socializante), como algo que já existisse no subconsciente de cada um, antes de existir.

Esta experiência no Gabinete foi importante por permitir conhecer a realidade e seus condicionalismos e barreiras e, além disso, dar azo a uma discussão permanente e

saudável em volta do estirador. Esta circunstância resultou do facto de a certa altura do ano sermos oito colegas de curso a trabalhar no mesmo local, o que obviamente se reflectiu nos trabalhos, nos seus processos, num inevitável ecletismo e constante debate de ideias.

Todavia, este trabalho de grupo não se estendeu ao próprio funcionamento do Gabinete, nem à interdisciplinaridade necessária e aconselhável para o desenvolvimento coerente e linear de todo o processo projectual.

O início dos projectos foi sempre rodeado e marcado por algumas *confusões*, em virtude de os loteamentos (com tudo o que lhes é inerente) já terem sido executados e aprovados, o que obrigatoriamente conduzia a naturais reformulações e limitadas reconstruções e reabilitações dos próprios projectos.

A relação entre as várias disciplinas e técnicos pouco mais foi do que o *enrolar* e *desenrolar* de desenhos e intenções, não existindo um diálogo profícuo na tentativa de convergência de ideias e de vontades que, a somar aos próprios acontecimentos que abrangeram o início de todos os projectos, nos dirigiram segundo parâmetros que, em geral, não considero os mais benéficos e recomendáveis.

Mas se neste contexto ainda se conseguiram adoptar e estabelecer critérios e soluções de compromisso e de estabilidade, noutros campos, que englobam todos aqueles que controlam e avaliam o espaço arquitectónico, já foi mais difícil chegar a

acordos, a consensos, de molde a fazer compreender que os projectos não são obras só de alguns, mas de todos.

O permanente conflito entre colegas do mesmo ofício, mas colocados em lados opostos da barricada, traduz-se em ridículos processos de análise, onde, por vezes, senão por norma, se discutem o detalhe (!) e o rigor gráfico (!) em vez de se debater o enquadramento das soluções no espaço urbano público.

Não pretendo pôr em causa a importância e o âmbito do detalhe e do rigor gráfico. O que aponto e critico é o facto de que aqueles que, situados em instituições públicas que estabelecem, ou deveriam estabelecer, as directrizes gerais para a *organização do espaço*, aqueles que exigem e proclamam a devida qualidade das intervenções, não actuarem e intervirem com o mesmo grau de eficácia e de exigência de qualidade que preconizam. Sejam coerentes!

Assim,

"Na transformação em curso da sociedade portuguesa, que alguém já chamou processo de reconhecimento de identidade, a arquitectura toma lugar ponderando compromissos, reajustando posições, procedendo ela própria a transformações." [8]

"Isto é, o arquitecto não responde apenas pelos efeitos que a sua acção possa provocar perante os seus clientes ou os consumidores directos dos

seus produtos, mas perante toda a sociedade, presente e futura, pelo efeito duradouro da sua acção no quadro da vida dos cidadãos." [6]

IV ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A autonomia universitária permite hoje às instituições de ensino criarem e gerirem os seus cursos em total autonomia. Não é hoje possível contornar este facto, que reforça a diversidade, através dos diferentes perfis da formação fornecida pelas diferentes escolas. A profissão tem a ganhar com a diversidade da formação, sem perder com isso a possibilidade de estabelecer os padrões mínimos comuns para a atribuição do título profissional. Ao nível europeu estão estabelecidos, na Directiva 384.85 da C.E., os padrões de formação necessários ao reconhecimento dos Cursos que podem dar acesso às actividades no domínio da Arquitectura." [6]

Foi no seguimento desta norma comunitária que surgiu a Prova Final no Curso de Arquitectura em Coimbra, como forma do nosso futuro grau ser reconhecido no âmbito e contexto europeus.

Se não pretendo discutir a correcção de tal norma comunitária, que obriga à execução de uma Prova para o reconhecimento dos cursos, atrevo-me a criticar o procedimento adoptado aquando da sua introdução no âmbito curricular do Curso de Arquitectura em Coimbra. Não me parece que o procedimento tenha sido o mais correcto e oportuno para connosco, alunos, pois não é a dois meses do final da

licenciatura que se avisa e alerta para um possível prolongamento dos estudos académicos por mais algum tempo.

Não preconizando qualquer conteúdo programático, nem estipulando objectivos, esta prova deixou a sua definição ao arbítrio de cada aluno, com a ajuda do orientador, também este desconhecedor do que se pretende com a Prova Final.

Se "*É bom que a formação seja versátil, permitindo a adaptação da prática nas áreas de actividade*" [6], uma total liberdade e autonomia não só aumentam as responsabilidades como também se caracterizam por originar um exagerado individualismo dos trabalhos, podendo resultar numa total discrepância entre eles, quer no que respeita à forma de a executar, quer no que respeita aos objectivos que deve procurar atingir.

Se este experimentalismo puder resultar no futuro, no presente essa alforria converteu-se num acumular de pressões e nervosismos, completamente desnecessários e inconsequentes, que causaram e conferiram um carácter confuso à Prova Final, traduzido em sucessivos adiamentos da entrega dos trabalhos.

Apesar de tudo, fazendo um balanço e reflexão finais sobre este ano e meio passado, penso que a Prova Final poderá ter um papel relevante na formação ministrada no Curso de Arquitectura, constituindo uma ponte entre o princípio de uma *nova* vida e o fim de uma *velha* vida e, desta forma, estabelecer uma relação inédita e única na vida de um estudante de Arquitectura e futuro arquitecto.

Só assim a Prova Final deverá ter lugar no Curso de Arquitectura em Coimbra, como algo que poderá abrir novos horizontes e acrescentar alguma coisa à formação curricular propriamente dita. De contrário, ela pode traduzir-se apenas em mais um ano académico, completamente desnecessário e impeditivo de novos rumos e orientações.

Mau grado algumas considerações menos encomiásticas que atrás produzi, devo frisar que a Prova Final me permitiu concretizar um estágio interessante e reflectir sobre variados temas que nunca haviam sido estudados ou aprofundados, acrescentando, desta forma, algo à minha formação.

Se esse enriquecimento e essa relação entre a escola e a vida profissional foram importantes, tal resultou mais de um trabalho desenvolvido pessoalmente, com algum carácter de autodidactismo, salvo as orientações, preciosas, do Professor Arquitecto Gonçalo Byrne.

Espero que no futuro algo seja modificado, pois não parece aconselhável e oportuno, só para resolver problemas de convergência europeia, que a Prova Final possua unicamente um carácter formal para os *curricula* dos cursos de Arquitectura. Ela deverá enformar uma reflexão global sobre temas e estágios orientados ao longo dos seis meses.

Por seu turno, a Escola não poderá abster-se de ter um papel interveniente e activo nesta prova, através do seu corpo docente, e não apenas como instituição ou organismo inerte, observador passivo, por vezes incapaz. Terá que intervir e procurar

estabelecer critérios e objetivos para as provas, a fim de que estas se revistam de real importância na formação dos alunos.

"Em resumo:

Entre crer e não crer, é melhor crer.

Entre agir e se dissolver, é melhor agir.

Ser juvenil e estar cheio de saúde é poder produzir muito, mas serão precisos anos de experiência para produzir bem. Ser nutrido de civilizações anteriores permite dissipar a obscuridade e fazer um juízo claro sobre as coisas. É ser derrotista pensar que, passada a idade de estudante, não somos mais que um resíduo." [22]

" Il faut se battre contre les moulins "

" Il faut renverser Troie "

" Il faut être cheval de fiacre, tout les jours "

"Nunca chega o momento em que se possa dizer: trabalhei bem e amanhã é Domingo. Assim que se pára, começa-se logo outra vez de novo. Pode-se pôr de lado uma tela e dizer que não se lhe volta a mexer. Mas nunca se pode escrever por baixo a palavra FIM."

Picasso

BIBLIOGRAFIA

- [1] *A Arquitectura e o Sítio*, Jornal dos Arquitectos, 120, A. A. P., Lisboa, Fev. 1993.
- [2] AGUIAR, J., *O medo*, in *Reabilitação, Conservação*, Jornal dos Arquitectos, 136/137, Lisboa, Jun./Jul. 1994.
- [3] *Arquitectura Popular em Portugal*, A. A. P., 3ª ed., Lisboa, 1988.
- [4] BESSET, M., *Le Corbusier*, Ed. Skira Flammarion, Genève, 1987.
- [5] BOESIGER, N., *Le Corbusier*, Ed. G.G., 7ª ed., Barcelona, 1988.
- [6] BRANDÃO, P., MASSAPINA, V., *Carta aberta aos arquitectos*, in *Reabilitação, Conservação*, Jornal dos Arquitectos, 136/137, Lisboa, Jun./Jul. 1994.
- [7] BYRNE, G., *A Fundamentação Teórica*, in Jornal dos Arquitectos, 49, Jul. 1986.
- [8] BYRNE, G., *As transformações necessárias*, in Jornal dos Arquitectos, 50, 1986.
- [9] *Chiado*, Jornal dos Arquitectos, 134, A. A. P., Lisboa, Abr. 1994.
- [10] COSTA, A., e outros, *Fernando Távora*, Ed. Blau, Lisboa, 1993.
- [11] DIAS, G., *Errónea equivalência dicotómica*, in *Reabilitação, Conservação*, Jornal dos Arquitectos, 136/137, Lisboa, Jun./Jul. 1994.
- [12] *Eleições*, Jornal dos Arquitectos, 116, A. A. P., Lisboa, Out. 1992.
- [13] FIGUEIRA, J., *Concurso de Arquitectura*, F.A.P., Porto, Jan. 1991.
- [14] FILLIPETTI, H., *Maisons paysannes de l'ancienne France*, Ed. Berger-Levrault.
- [15] FRAMPTON, K., *Historia critica de la Arquitectura Moderna*, Ed. G.G., Barcelona, 1987.
- [16] FRAMPTON, K., *Modern Architecture 1920-1945*, Ed. G.A., Tóquio, 1989.
- [17] GOMES, P. V., *A cultura arquitectónica e artística em Portugal no séc. XVIII.*, Lisboa, 1988.
- [18] GRODWOHL, M., *La maison rurale du Sundgau*, Ed. Alsace.
- [19] HESTNES FERREIRA, R., SILVA, J., *Keil do Amaral*, *Arquitecto*, A.A.P., Lisboa, 1992.
- [20] *Ideologias do Património e Intervenção Arquitectónica*, Dep. Arq. F.C.T:U.C., Coimbra, Maio 1994.
- [21] *La Ville*, Centre Georges Pompidou, Paris, Fev. 1994.

- [22] LE CORBUSIER, *Urbanismo*, Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1992.
- [23] MONTANER, J.M., *Después del movimiento moderno*, Ed. G.G., Barcelona, 1993.
- [24] *Páginas Brancas II*, A.E.F.A.U.P., Porto, Jan. 1992.
- [25] PORTAS, N., *Conservar renovando ou recuperar revitalizando*, Museu Nacional Machado de Castro, Coimbra, 1983.
- [26] PORTAS, N., MENDES, M., *Portogallo*, Ed. Electa, Milano, 1991.
- [27] *Projectar/Construir*, Jornal dos Arquitectos, 128, A. A. P., Lisboa, Out. 1993.
- [28] RODIJK, G. H., *De huizen van Rietveld*, Waanders Vitgevers, Amsterdão, 1991.
- [29] RUCHS, M., *La maison alsacienne à pan de bois*, Ed. Berger Leuvrault.
- [30] SANTOS, C., *SAAL 1974-1979*, in *Habitacão*, Jornal dos Arquitectos, 121, Lisboa, Mar. 1993.
- [31] TÁVORA, F., *Da organização do espaço*, Ed. do Curso de Arquitectura da E.S.B.A.P., 2ª Ed, Porto, 1982.
- [32] TESTA, P., *A Arquitectura de Álvaro Siza*, F.A.U.P., Porto, 1988.
- [33] *Unidade 3*, A. E. F. A. U. P., Porto, Jun. 1992.
- [34] *Universidades*, Jornal dos Arquitectos, 126/127, A. A. P., Lisboa, Ago./Set., 1993.
- [35] VITRUVIO, *Los diez libros de Arquitectura*, Obras Maestras.
- [36] WALTHER, I., *Pablo Picasso*, Ed. Taschen, Bona, 1986.
- [37] WANG, W, SIZA, A., Souto Moura, Ed. G.G., Barcelona, 1970.
- [38] WEISS, W., *Construir la maison*, Ed. Écomusée d'Alsace, Ungersheim.
- [39] ZAERA, A., *Entrevista c. A. Siza*, in Álvaro Siza, *El Croquis*, 68/69, Madrid, 1994.
- [40] ZAERA, A., *Entrevista c. Herzog e De Meuron*, Herzog & De Meuron, *El Croquis*, 60, 2ª ed., Madrid, 1994.